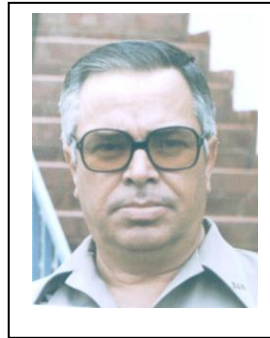


**FHE** **POUPEX**

## A CONTRIBUIÇÃO PAULISTA AO COMBATE À REVOLTA NA ARMADA 1893-94 E A GUERRA CIVIL 1893-95



**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

**Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemasde História de Portugal. Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E sócio dos IHGSP, IHGG de Sorocaba e do Instituto de Estudos Valeparaibanos**

Artigo do autor na Revista do Instituto Histórico de São Paulo digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especiala AMAN e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército

158  
BENTO, Claudio M. cel. São Paulo no combate a Guerra Civil e Revolta na Armada 1893-95. RIHGSP v.XC, 1995 pp.59-83 (Comunicação inédita)

**Revista do Instituto  
Histórico e Geográfico  
de São Paulo**



**VOLUME XC**

**SÃO PAULO  
1995**

## A CONTRIBUIÇÃO PAULISTA AO COMBATE À REVOLTA NA ARMADA 1893-94 E A GUERRA CIVIL 1893-95

*Cláudio Moreira Bento*

Em 5 de fevereiro de 1893 estourou a Guerra Civil 1893-95 no Rio Grande do Sul que vem passando à Tradição como Revolução Federalista 1893-95 e hoje chamada de **Revolução de Bárbaros, Maldita, da Degola** e dos **Fuzilamentos** pelos padrões de violência inauditos que a caracterizaram e que se estremaram no massacre do Rio Negro, de republicanos, respondido pelo massacre do Boi Preto, de federalistas (1). Sob o estímulo desta guerra estourou em 6 de setembro de 1893 no Rio a Revolta de 1/5 da Armada, nome da época de nossa Marinha de Guerra (2). Os dois movimentos armados com o objetivo comum de depor o presidente da República Mal. Floriano Peixoto envolveram, aterrorizaram e ensanguentaram as regiões Sul e Sudeste do Brasil, a exceção de Minas e Espírito Santo. e dividiu profundamente a família da Região Sul entre **maragatos** e **pica paus**, razão a explicar, de certa forma, o memoricídio a que foram condenados os dois movimentos, para não reabrir feridas em cicatrização.

A historiografia aborda a Guerra Civil em foco como tendo ocorrido na Região Sul. Não aborda o envolvimento expressivo de São Paulo. Inicialmente para tentar contê-la, combinada com a Revolta na Armada no Paraná, na Lapa, em Tijucas e Paranaguá; em seguida, para efetivamente barrar o seu avanço em Itararé e outros pontos da fronteira São Paulo-Paraná e, finalmente, para libertar o Paraná, com expressivas forças, em especial paulistas, mobilizadas, concentradas e apoiadas logisticamente pelo presidente de São Paulo dr. Bernardino de Campos, da ocupação e domínio por cerca de 100 dias por forças do Governo Provisório que a Revolta estabeleceu em Desterro (3).

A historiografia não destacou o hercúleo esforço de guerra do Estado de São Paulo, sob a liderança de seu presidente, para assegurar a inviolabilidade do porto de Santos, chave de acesso a São Paulo e objetivo inicial de conquista pelo plano inicial da Revolta na Armada (4), para estabelecer na capital paulista o **Governo Provisório do Brasil** e, em Santos, a **base de operações da Revolta**, o que facilitaria por outro lado o reconhecimento da revolta como beligerante. Esforço dispendido também, para guarnecer e defender os portos do litoral norte de **Ubatuba, Caraguatatuba e São Sebastião**, como vias de acesso ao vale do Rio Paraíba, leito da **ferrovia Rio-São Paulo**, cuja proteção era vital, pois era a única entre as duas capitais, em razão do domínio naval pela Revolta. Portos que poderiam servir de apoio aos navios revoltosos, do mesmo modo que os portos de **Iguapé e Cananéia**, além de apoios a ataques naval e terrestre na direção **Paranaguá-Santos**.

Foi neste contexto de defesa dos portos paulistas que o cruzador **República** e o cruzador auxiliar **Pallas** bombardearam, em Santos, em 20 de setembro de 1893, os fortes da **Barra e Augusto**, pelos quais foram repelidos, com algumas baixas para seus defensores do Exército e da Polícia Militar de São Paulo. Ataque repetido na cidade de **São Sebastião**, em 5 de outubro de 1893, pela torpedeira **Marcílio Dias** e cruzadores auxiliares **Pallas** e **Iris** que haviam se apossado do porto, a partir de base que estabeleceram em Ilha Bela.

De 6 de setembro, início da Revolta na Armada, até 8 de abril de 1894, passagem da **Esquadra Legal** por Santos, ao comando do almirante Jerônimo Gonçalves, para bater remanescentes da Revolta baseados em Santa Catarina e Paraná, Santos e os demais portos paulistas eles viveram sete meses de angústias, incertezas, desinformação, de boatos alarmantes sob a ameaça de ataques de navios revoltosos desembarcando em suas praias forças federalistas. Possibilidades centuplicadas, acompanhadas do temor do confronto com tropas federalistas **"habilíssimas no uso da**

**lança e adeptas do extermínio dos adversários pela degola"**, pois em São Paulo havia chegado a vitória dos lanceiros de Gumersindo Saraiva em **Cerro do Ouro** em 20 de agosto de 1893, onde seus lanceiros mataram em campo aberto de 300 a 400 republicanos, bem como notícia do **massacre do Rio Negro**, próximo a Bagé, onde foram degolados após se renderem sob a garantia de vida, cerca de 300 civis que constituíam a Cavalaria republicana ali presente (5). Assim São Paulo, em seu esforço de guerra, conseguiu evitar tentativas da Revolta, em combinação com a Guerra Civil, de utilizarem Santos e os demais portos paulistas, bem como de interferirem na ferrovia **São Paulo-Rio** com apoio em simpatizantes no Estado com a Revolta e Guerra Civil.

Acreditamos que no ano do centenário daqueles sangrentos eventos fratricidas, seja a primeira vez que é evocada a interpretada a expressiva participação paulista, para a consolidação da República sonhada na **Convenção Republicana de Itú**.

Para conter o avanço federalista na **barreira de Itararé** e negar à Revolta na Armada, a posse dos portos paulistas e, em especial o de Santos, o enorme esforço de guerra paulista se caracterizou segundo concluímos: - aquisição de cerca de 7.000 fuzis Mannlicher, com cerca de 6.000.000 de cartuchos na Argentina, através do Ministro Plenipotenciário do Brasil, em Buenos Aires, Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil e que começaram a dar entrada em Santos em 5 de fevereiro de 1894, seis dias antes da capitulação da **Lapa-PR**. Armamento e munições fornecidas às forças da Polícia Militar, Exército e Guarda Nacional que formaram o **Corpo Expedicionário** que defendeu a fronteira São Paulo-Paraná e depois libertou o último.

- fabricação e fornecimento de fardamento, calçados e equipamentos para as tropas do Exército, Guarda Nacional e Polícia Militar em São Paulo.
- aquisição de expressiva quantidade de cavalos e muares para os comboios de abastecimento logístico e para operações, em especial na ligação **Tatuí-Itararé** e na **Caçapava- Paraibuna- Caraguatatuba** e na **Santos-Cananéia**.
- apoio logístico a 8.000 homens do Exército, Polícia Militar, Guarda Nacional e Guarda Cívica que atuaram na defesa do litoral, da fronteira São Paulo-Paraná, e que combateram em Tijucas e na Lapa, no Paraná.
- apoio ao fabrico de granadas de artilharia na Fábrica de Santana do Ipanema, para a Artilharia que defendeu Santos.
- estímulo à fabricação de pólvora por indústria específica em Perus.
- confecção de Minas elétricas que minaram o canal de acesso ao porto de Santos.

História é verdade e justiça! Estes são um dos objetivos do presente ensaio no ano dos centenários da Revolta na Armada e da Guerra Civil, oportunidade em que São Paulo impediu que a Revolta usasse o porto de Santos como base de operações e os federalistas transpusessem a **barreira de Itararé**, chave para a conquista de São Paulo (cidade) e, a partir desta, o **Rio de Janeiro** com a conseqüente deposição de Floriano Peixoto.

Este estudo visa também atender conselho do mal Ferdinand Foch (6):

**'Para alimentar o cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em meditações do que o da História Militar. '**

E o estudo militar desta luta interna é rico em meditações e consequentes ensinamentos táticos, logísticos e estratégicos aos militares das Forças Armadas do Brasil, como a anterior a Revolução de 1842 e as posteriores Revoluções de 1924, de 1930 e de 1932 que envolveram São Paulo, com incidência em pontos expressivos para a condução de operações militares ou da Geografia Militar Paulista, tais como: cidade de São Paulo; portos de Santos e São Sebastião; cidades de Campinas, Sorocaba e Itararé; Vale do Paraíba (Caçapava, Taubaté, Guaratinguetá e Lorena articulando o litoral com o Vale e a Mantiqueira); cidades da Serra do Mar (Paraibuna, São Luiz e Cunha articulando na serra, o litoral com o Vale do Paraíba). Penso que as lições colhidas na luta interna em

foco foram bem aproveitadas pelos revolucionários em 1924 e, em 1930 e pelos revolucionários paulistas de 1932. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação!

### **São Paulo e a Guerra Civil na Região Sul 1893-95**

Ao estourar a Guerra Civil no Rio Grande do Sul, São Paulo se solidarizou com o governo daquele Estado. Apoio traduzido na Lei 120, de 15 de março de 1893 votada pela Assembleia Paulista:

**'Autoriza o governo de São Paulo a prestar à União os auxílios que forem necessários para manter a integridade da Pátria e as instituições republicanas.'**

Lei promulgada no mesmo dia pelo presidente de São Paulo Dr. Bernardino de Campos.

Este apoio, na prática, se traduziu em linhas gerais: doação à União de 2 mil contos de réis para a compra de armas; pagamento das despesas para a defesa do porto de Santos e das decorrentes das movimentações das forças militares em São Paulo e da organização da **1ª Divisão do Corpo de Exército Expedicionário** para defender **Itararé** e depois libertar o Paraná da **Revolta e da Guerra Civil**. Isto tudo implicou numa despesa estimada de 8 mil contos de réis, dos quais a União ficou devendo 6 mil contos, afora a doação de 2 mil contos. Em contrapartida a União cedeu a São Paulo por ocasião da revolta do almirante e senador Wandenkolk:

- aprestamento da **fortaleza da Barra de Santos** e **cessão de uma Bateria do 2º Regimento de Artilharia** do Rio e, também do Rio, um contingente do **22º Batalhão de Infantaria** transformado em 1938 no **3º Regimento de Infantaria**. Estas providências visavam melhor defender Santos que só dispunha do **3º Batalhão da Polícia Militar**. A capital dispunha do **10º Regimento de Cavalaria Ligeira** que em 1938 era o **6º RC** de Alegrete, após aquartelar em Sorocaba de 1994-1908.

### **Santos e a Revolta da Armada**

Ao estourar a Revolta na Armada em 6 de setembro Santos possuía os meios de defesa acima descritos. E Santos era o objetivo de conquista do Plano da Revolta como sua base de operações e a serviço de seu Governo Provisório a ser instalado na cidade de São Paulo (7), possibilidade comunicada em 8 de setembro ao presidente de São Paulo pelo presidente da República.

Dia 6 de setembro o presidente da República telegrafou ao Presidente de São Paulo comunicando-lhe o início da revolta e assinalou:

**'Previno-vos, recomendando atividade e prudência. Olhai a cidade de Santos.'**  
(8)

O presidente de São Paulo, em resposta, telegrafou nestes termos, protestando apoio e solidariedade ao presidente Floriano Peixoto, termos que foram mantidos até o final da Revolta e da Guerra Civil:

**'Dou e darei todo o apoio a vossa autoridade porque sois o poder legítimo. Confiai em minha lealdade. Bernardino de Campos.'** (9)

### **A defesa do porto de Santos**

Constando do plano de Revolta e do alerta do presidente da República o porto de Santos objetivo principal de conquista da Revolta na Armada, a torná-lo sua base de operações contra o governo do Rio, foram tomadas providências urgentíssimas para manter Santos em condições de resistir a ataques Revolta. Isto talvez tivesse mais viabilidade se o almirante Saldanha da Gama o tivesse mantido neutralidade e controlando importantes efetivos com que a Revolta pudesse desembarcar em Santos e conquistá-la e, a seguir São Paulo como sede do Governo Provisório.

Em 9 de setembro o presidente da República informou ao presidente São Paulo que não poderia destinar à defesa de Santos mais tropas do Exército pois toda ela estava empenhada no combate a Revolta no Rio e a Guerra Civil Rio Grande do Sul. Como medidas de defesa urgentes registre-se:

- transferência para Santos do comando do **4º Distrito Militar (atual 2ª RM)** sediado em São Paulo ao comando do cel. José Jardim;
- recolhimento urgente de Santos para São Paulo, de 10 mil ton. de carvão que poderiam servir aos revoltosos;
- recolhimento de todo o numerário das repartições federais e estaduais de Santos para São Paulo;
- estruturação da defesa de Santos, sob a liderança do presidente Bernardino de Campos, obedecendo ao seguinte esquema:
  - comandante do 4º Distrito Militar - cel. José Jardim
  - comandante da Polícia Militar de São Paulo - cel. PM Inocêncio Ferraz
  - comandante da Praça de Santos - Dr. Theodoro de Carvalho - Chefe Polícia, com a organização da defesa de Santos em 3 linhas ao longo da praia:
    - 1ª **Linha: Paquetá- Ponta da Praia** - comandante: ten. cel. A. Pinto Paca
    - 2ª **Linha: Ponta da Praia-Praia José Menino** - comandante: cel. Xavier Baptista
    - 3ª **Linha: José Menino- São Vicente** - comandante: cel. J. S. Torres Homem, obstrução do canal de acesso ao porto, com pontões, guardadas as margens do canal pelo **Corpo de Bombeiros de São Paulo**, transformado em Infantaria, e ao comando do ten. cel. do Exército José Carlos da Silva Telles que vem sendo confundido com o tio Carlos Telles, herói da resistência ao cerco de Bagé, que ocorreria três meses mais tarde.
  - concentrar nas três linhas de defesa de Santos: **em Ponta da Praia, Conceiçãozinha, Outerinho e Alto da Serra** contingentes da Polícia Militar de São Paulo do 3º (Santos), 2º (Jundiaí) e contingente do 5º (São Paulo), reforçar a fortaleza da Barra de Santos, a cargo do Exército, com contingentes do 22º BI (Rio) e 20º BI (Goiás) do Exército.
  - destinar a Bateria do 2º R. Artilharia do Rio (Regimento Floriano) para guarnecer o forte **Augusto** e operar 2 peças Krupp 75 e 2 La Hitte raiados retirados do navio de guerra **Centauro** que sua guarnição pôs a pique para não servir à defesa de Santos.
  - utilizar o 10º RCL (Exército) para a defesa da **ponte de Paquetá** e auxiliar a Artilharia da Barra.
  - guardar a Alfândega com o 3º de Polícia Militar e defender o seu quartel com as duas únicas metralhadoras disponíveis em Santos.
  - proteger a ferrovia **Santos-São Paulo** com os seguintes efetivos assim distribuídos: **Cubatão** (40h), **Alto da Serra** (20h), **Rio Grande** (20h), **Ribeirão Pires** (20h) e **São Bernardo** (25h).
  - em caso de ameaça de ataque a Santos, esta fica em condições de receber os seguintes reforços, todos à disposição do comandante do Distrito Militar: 1º e 5º batalhões da Polícia Militar da capital e 4º do interior, 300 guardas nacionais armados e mais duas metralhadoras da capital. Este foi o dispositivo que fez frente a ataque em 20 de setembro de 1893 de navios revoltosos e que será descrito adiante.

O efetivo de defesa de Santos durante sete meses variou de 550 a 1200 homens do Exército, Polícia Militar. Ela não dispôs de nenhum meio naval, pois o **Centauro** que contava foi afundado em 8 de setembro por sua guarnição.

Após o ataque sofrido por Santos em 20 de setembro, sua defesa foi melhorada sensivelmente: **Paquetá** foi artilhada com duas peças, bem como a **ilha Porchat**. Foi reforçada pelos 1º e Batalhão Bernardo Ellis da Guarda Nacional e mais tarde pelo 109º e mais o Republicano de Santos da mesma Guarda Nacional. Foi ativado o sistema de Minas elétricas alimentados por um dínamo no forte **Augusto** e acionados das posições no **Outerinhos, Conceiçãozinha e Entrada da Barra** e desenvolvida por engenheiros paulistas. Estavam artilhadas **Paquetá** (duas peças), ilha Porchat (duas peças Krupp 75),

**forte Augusto** (2 Krupp 75,2 La Hitte raiados e 4 Armstrong). As granadas estavam sendo fabricadas pela Fábrica de Santana de Ipanema dirigida pelo Exército e a pólvora era produzida em fábrica existente em Perus. Os corpos da Guarda Nacional de Sorocaba, Campinas e São Carlos substituíram a Polícia Militar. Merecia especial atenção a vigilância sobre a **ilha Porchat**, a ponta do cabo submarino em casa na praia José Menino e, a praia de São Vicente, pela possibilidade de um desembarque de tropas ali segundo boatos insistentes.

### **O incidente do afundamento do Centauro e o ataque de navios revoltosos a Santos em 20 de setembro de 1893**

A defesa de Santos pensou contar com o navio **Centauro** em missão de serviço quarentenário em Santos e que protestou solidariedade ao governo. Na manhã de 8 de setembro correu a notícia de que ele havia sido posto a pique pela própria guarnição liderada pelo imediato ten. João F. dos Reis, em razão de seu comandante estar doente em terra. O ten. Reis embarcou o que foi possível nos rebocadores **Mauro** e **República** e rumou para o norte, indo desembarcar na ilha Grande com 14 tripulantes, após seu grande e ousado feito naval. Foi encarregado de resgatar do fundo o **Centauro** o hoje consagrado herói naval, o então **CT João Soares Dutra**, o que não foi conseguido em tempo de ser usado na defesa de Santos. Os rebocadores Mauro e República, usados pela guarnição do Centauro foram recuperados na Ilha Bela e de lá resgatados por expedição chefiada por Soares Dutra e composta de 30 policiais militares do 3º. Trouxeram 6 tripulantes do Centauro que se entregaram, inclusive o ten. João Fagundes Lins. Comandava o Centauro o CF Júlio Brito. Indiscutivelmente foi um grande feito naval para a causa da revolta.

A Revolta despachou do Rio em 17 e 18 de setembro de 1893, a **Divisão Naval Expedicionária** ao comando do CMG Frederico Guilherme de Lorena, constituída do cruzador **República**, torpedeira **Marcílio Dias** e cruzador auxiliar **Pallas**. Eles forçaram a barra do Rio em brilhante feito naval. Sua missão:

**'acelerar a vitória contra o governo, inutilizando instalações e apreendendo navios que encontrasse.'** segundo o almirante **Leôncio Martins. (10)**

A notícia ao chegar a Santos encheu a sua população de pavor. E grande parte dela procurou sair da cidade rumo a São Paulo e a serra. Havia uma grande inferioridade da Artilharia de terra em relação a dos navios revoltosos. Eram esperados em Santos 4 navios revoltosos e, em 20 de setembro pela manhã se apresentaram na barra de Santos o **República** e o **Pallas** que por suas atitudes deram a impressão que submeteriam Santos a bloqueio naval, como era do plano inicial da Revolta. Em seguida, das 9.30 as 11,30 horas os navios revoltosos atacaram com sua Artilharia e posições não ideais os fortes da **Barra** e **Augusto**. A resposta da Artilharia das fortalezas não atingia os navios fora do alcance delas. Um projétil calibre 32 de uma peça Armstrong do **República** atingiu a muralha do **forte Augusto** cujos estilhaços do impacto feriram o cabo Francisco Nascimento e o soldado Pedro Augusto do Nascimento do Exército, do 22º BI. Granada caída próximo do forte Augusto feriu com um estilhaço o soldado João Baltazar do 2º BPM (Jundiá). Este forte foi o QG da resistência. Ali se encontravam o presidente de São Paulo e o comandante do 4º distrito Militar. É atribuída ao doutor Bernardino de Campos esta resposta, ao pedirem que se abaixasse na muralha para proteger-se de uma granada que passou sibilante sobre sua cabeça quando ereto acompanhava a situação - **"- O Estado de São Paulo não se abaixa."**

A defesa do forte da Barra esteve a cargo de 189 homens de Artilharia e Infantaria do Exército (Infantaria do 20 e 22 BI). A defesa do forte Augusto esteve a cargo da Bateria do 2º R. Artilharia e apoio dos soldados do 3º BPM. A fortaleza da Barra foi comandada pelo alferes Covas e o forte Augusto pelo cap. Art. João José Lima. Os revoltosos não se

aventuraram no canal defendido pelo Corpo de Bombeiros e civis, inclusive Rivadávia Correia, ao comando do ten. cel. Silva Teles. O 10° RC estava na defesa de Paquetá (ponte), e a Alfândega pelo 3° BPM.

Os navios revoltosos rumaram para o Sul. Com apoio das autoridades e povo, a ilha de Santa Catarina capitulou à Revolta em 29 de setembro, em condições generosas. Comandava a guarnição da ilha o cel. Inf. Julião Serra Martins. Ele fez tudo ao seu alcance para defender a ilha da Revolta. Mas só pode contar com 11 oficiais entre eles o ten. Muricy que immortalizou o episódio na obra **A Revolução de 93 nos estados de SC e PR.** (Rio, Bibliex, 1946).

O cel. Serra Martins foi deixado pelo **Pallas** no litoral em Sepetiba e depois de justificar-se em **Conselho de Guerra** retornou por São Paulo ao Paraná, para ter saliente papel na resistência da Lapa e após como comandante da Fronteira São Paulo-Paraná, em Itararé. **É um bravo esquecido!** (11)

Ao invés de na cidade de São Paulo como era plano da Revolta, o **Governo Provisório do Brasil** foi estabelecido em Florianópolis atual, em seguida. Dali a Guerra Civil e Revolta da Armada se irradiaram ao Paraná e passaram a ameaçar São Paulo, chave para a conquista do Rio de Janeiro e conseqüente deposição do presidente da República, marechal Floriano. São Paulo continuou a desenvolver as defesas de Santos e dos demais portos de Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião, Iguapé e Cananéia e da fronteira em Itararé contra o avanço de federalistas que dela se aproximavam.

### O ataque da revolta a São Sebastião

Ficou operando no litoral norte de São Paulo a torpedeira **Marcílio Dias** e o cruzador auxiliar **Íris**. Eles causaram preocupações a São Paulo pelas possibilidades de, com apoio de simpatizantes da Revolta em São Sebastião, **São Luiz do Paraitinga** e **Taubaté** executarem estas ações:

- interferência nas ligações telegráficas Rio- São Paulo, em **São Sebastião, Caraguatatuba** e **Ubatuba**.
- atuação nas direções **Ubatuba-São Luiz de Paraitinga- Lorena** e na **São Sebastião-Caraguatatuba- Paraibuna-Caçapava** para interromper com apoio de simpatizantes da Revolta, a ferrovia **Rio-São Paulo**, o que isolaria o Rio de Janeiro por terra, já que o fora por mar.
- utilizar os portos de **Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião** e **Ilha Bela**, como base de apoio aos revoltosos e para ações contra Santos.

Idêntica preocupação existiu em relação aos portos de Iguapé e Cananéia, estratégicos para a Revolta e, no governo, por usar o litoral **Santos-Paranaguá** para manter-se em contato com o Paraná e nele injetar toda a sorte de apoio, o que aconteceu até 10 de janeiro de 1894 em que o Paraná foi invadido pela Revolta e Guerra Civil, restando somente receber apoio por **Itararé**.

Para a revolta, para usar o litoral e os portos de Cananéia e Iguapé como via de acesso para atacar Santos, por terra e mar, em combinação com um ataque terrestre por Itararé, conforme plano do cel. do Exército chefe do Estado-Maior de Gumersindo Saraiva, cel. Jaques Ouriques, o estrategista da invasão do Paraná.

Para fazer face a estas possibilidades o presidente de São Paulo tomou as seguintes providências:

- guarnecer pontos estratégicos da ferrovia **Rio- São Paulo** e, em especial, as pontes sobre o rio Paraíba.
- guarnecer com 30 homens de Caçapava e os restantes enviados de São Paulo, a via de acesso São Sebastião-Caraguatatuba-Paraibuna, servindo a última de base de apoio do litoral e de resistência na serra.



**São Sebastião** onde havia muitas simpatias à revolta pediu, através de sua Câmara, a retirada das tropas para não atrair represálias dos revoltosos. Não foi atendida pelo presidente de São Paulo!

Decorridos 8 dias do ataque da Revolta a Santos, os revoltosos ocuparam **São Sebastião** de 28 de setembro a 5 de outubro de 1893, por 7 dias. O telégrafo foi interrompido. As ligações de São Paulo com o litoral norte passaram a ser feitas por **Ubatuba e Caraguatatuba** através do Quartel General do Exército na Praça da República. Foi guarnecida a via de acesso **Ubatuba-São Luiz de Paraitinga- Lorena**, com forte contingente em São Luís.

Em 5 de outubro todos os portos do litoral paulista estavam guarnecidos. O litoral norte estava defendido por elementos do 5º BPM (capital) e mais o Corpo de Bombeiros, todos ao comando do ten. cel. José Carlos Silva Teles. Corriam insistentes boatos de que a Revolta desembarcaria em **São Sebastião, Boynuganga e Bertiooga** tropas federalistas de Gumersindo Saraiva para um novo ataque a Santos.

Em 5 de outubro Silva Teles libertou São Sebastião completamente abandonada pelas autoridades e população. Neste dia a torpedeira **Marcílio Dias** e o cruzador auxiliar *Iris* despejaram sobre São Sebastião, em dois ataques, cerca de 50 granadas que causaram estragos nos edifícios. Temendo um envolvimento, Silva Teles retraiu para **Caraguatatuba** deixando um pequeno efetivo em São Sebastião. No dia 12 de outubro recebeu duas peças de artilharia que em feito épico desceram a serra. Foram assestadas em Caraguatatuba num ângulo de 30 graus e cobrindo um raio de cerca de 3.000 m.

Ali, o ten. cel. Teles recebeu a seguinte diretriz do dr. Bernardino:

***“Abrir com urgência caminho por terra São Sebastião-Caraguatatuba; guardar a serra em Paraibuna; vigiar e armar emboscadas em São Sebastião, assegurando seguro reatamento de lá; guardar o telégrafo e reprimir qualquer tentativa de interrompê-lo; guardar Juriquerê.”***

No dia 16 de outubro de 1893 foi fuzilado em **Caraguatatuba** o soldado Eurico de Oliveira do 4º BPM (interior) por após haver se insubordinado com o alferes Heitor Guinard: durante uma instrução saiu de forma e de modo covarde deu-lhe um tiro no rosto. Os oficiais da guarnição de Caraguatatuba o condenaram a morte por fuzilamento e assinaram ata a respeito. Foi fuzilado frente a toda a tropa formada. O presidente de São Paulo ao conhecer o crime do soldado Eurico e as circunstâncias em que foi praticado, enviou telegrama no dia imediato, onde dizia o seguinte: "**Aprovo o que foi resolvido e executado.**"

Por volta de 13 de novembro a pressão sobre o litoral norte foi aliviada. Ficaram guarnecendo Caraguatatuba 100 homens. O cel. Teles retornou com o Corpo de Bombeiros para vigiar o canal de navegação de Santos e a artilharia foi destinada para Itararé.

### **A defesa do litoral sul de São Paulo**

A perda da ilha de Santa Catarina pelo Governo em 29 de setembro de 1893 e o estabelecimento do Governo Provisório do Brasil em Florianópolis para onde se dirigiram expressivos contingentes de federalistas do Rio Grande do Sul, aproximando-se assim de São Paulo, determinou a necessidade de defesa da fronteira paulista em **Itararé** e a defesa dos portos de **Iguapé e Cananéia**. Pelo litoral **Santos-Paranaguá**, a União e o Estado de São Paulo introduziram reforços de toda a ordem. Inicialmente visando expulsar a Revolta e a Guerra Civil de Santa Catarina. Mal sucedido este objetivo, este caminho litorâneo foi usado pela União e São Paulo para enviar reforços ao Paraná, objetivo de conquista pelo **Governo Provisório em Santa Catarina**. Conquistado o Paraná, o próximo passo, com apoio em plano do citado do estrategista cel. Jaques Ouriques era atacar São Paulo por Santos e Itararé. São Paulo envia reforços ao Paraná

e dá apoio aos enviados pela União. Em 10 de outubro passou por Santos o gen. Argolo para assumir o 5º Distrito Militar (atual 5ª RM) e comandar a expulsão da Revolta e da Guerra Civil de Santa Catarina. Pelo mesmo caminho litorâneo seguiu o cel. Serra Martins que capitulara em Santa Catarina. E isto em 26 de outubro, para assumir saliente papel na defesa da **Lapa** e no comando da **Fronteira de Itararé** após servir com Argolo em sua expedição frustrada até Santa Catarina de onde retiraria para a Lapa por não ter conseguido os apoios esperados num meio de grande simpatia ou mesmo grande temor à Revolta e aos federalistas. Pelo litoral passou o **Batalhão Franco Atiradores** de tristíssima memória entre os povos do litoral (13). Por terra, em tempo recorde de viagem **Tatuí-Itararé-Lapa** chegou a 26 de novembro o cel. Gomes Carneiro e assumiu o comando das forças que Argolo conseguira reunir na Lapa. Neste dia havia chegado no Recife navios comprados nos EUA, na Inglaterra e na Prússia pelo governo para formar a Esquadra Legal para combater a Revolta na Armada que estourara fazia cerca de 80 dias. No Sul, a 2ª invasão federalista havia dado início aos cercos de Bagé e do Rio Negro, sendo que no último, após 3 dias de resistência, forças do governo ao comando do mal. Isidoro Dias Lopes capitularam sob garantia de vida. Acordo que não foi respeitado e que resultou no massacre, por degola, de cerca de 300 civis que constituíam a Cavalaria governista. Degola executada por mercenários uruguaios e argentinos, a serviço dos federalistas ali liderados pelo general honorário Joca Tavares (14). Bagé resistiu ao cerco pelo mesmo general até 8 de janeiro de 1894, sob a liderança do cel. Carlos da Silva Teles. Cerco levantado à aproximação da Divisão do Sul ao comando do cel. João César Sampaio, o que frustrou a 2ª invasão (15).

Desde 10 de outubro havia a ideia de guarnecer a fronteira de São Paulo em Itararé. Havia convicção, no governo da União, de que o 5º Distrito Militar (atual 5ª RM) possuía condições de resolver sozinho a situação, o que foi informado ao presidente de São Paulo.

Em 1º de dezembro de 1893 o alte. Custódio de Melo, com o encouraçado **Aquidabã** e o cruzador auxiliar **Esperança** forçou com sucesso a barra do Rio de Janeiro e rumou para o Sul. Este fato causou enorme alarme no litoral de São Paulo e em especial em Santos. Mas eles nunca atuaram na região!

Em 7 de dezembro de 1893, o alte. Saldanha da Gama aderiu à Revolta emitindo proclamação até hoje polêmica, por inquinada de restauradora da Monarquia, circunstância habilmente explorada pelo governo com a idéia força de luta pela consolidação da República. Este fato foi criticado por Lorena.

Com o **Aquidabã**, a esquadra fora do Rio foi muito reforçada com o temível e legendário encouraçado cujo poder o imaginário popular multiplicava por mil. A Revolta possuía domínio naval absoluto sobre o litoral Sul e nada o ameaçava. Possuía ampla e total Uberdade de atuação.

Em 10 de janeiro de 1894, forças do Governo Provisório, seguindo plano de Jaques Ouriques, estrategista chefe do Estado-Maior de Gumersindo Saraiva, invadiram o Paraná por **Paranaguá, Tijucas e Lapa**, visando a conquistar **Curitiba** e por via de consequência o Paraná. Conquistaram Paranaguá em 15 de janeiro, fechando o caminho terrestre **Santos-Paranaguá-Curitiba**, essencial ao Paraná para receber apoios da União e de São Paulo. **Tijucas** capitulou em condições generosas em 17 de janeiro. **A Lapa** resistiria por 26 dias, até 11 de fevereiro de 1894, quando capitulou após haver tombado ferido de morte o líder e alma da resistência, o cel. Antônio Gomes Carneiro. As capitulações de **Tijucas** e Lapa ao gen. Gumersindo Saraiva o foram em condições generosas, bem ao contrário de Rio Negro, no Sul. Ali foram libertados oficiais de São Paulo enviados para a defesa do Paraná, muitos dos quais estão imortalizados no **Panteon da Lapa**. Em 20 de janeiro de 1894, a Revolta e Guerra Civil assumiram o Governo do Paraná que exerceriam por mais de 100 dias até sua restauração legal.

A resistência legendária da Lapa por 26 dias e que teria se prolongado por mais tempo, não fora a morte de seu líder, ganhou estrategicamente precioso tempo: para a organização da defesa de Itararé; para a defesa do governo no Rio, beneficiado ainda durante o cerco, em 26 de janeiro, com o fim do bloqueio naval do porto do Rio de Janeiro, imposto por Esquadra dos EUA, atuando às ordens do presidente Cleveland e, mais tempo para organização e adestramento da Esquadra Legal no Recife, pois em 22 de janeiro de 1894, no 5º dia de resistência da Lapa, o alte. Jerônimo Gonçalves assumiu o comando da Esquadra Legal no Recife e no mesmo dia zarpou para Salvador (16).

No litoral sul paulista, Cananéia havia sido guarnecida e o acesso a seu porto dificultado por um cabo de aço. Após recolher todas as embarcações do rio da Ribeira que pudessem ser úteis à Revolta, sua guarnição procurou defender-se em Iguapé, por inacessível a vapores, ligada a Santos por telégrafo e mais fácil de ser apoiada pela retaguarda com reforços. Santos foi ainda mais reforçada pela Guarda Nacional e por duas peças de 70.

Sem meios navais, o governo usou largamente navios estrangeiros para enviar recursos humanos e bélicos a Santos e mesmo à Montevideu para onde enviaram o alte. Jerônimo e equipe, e mais o futuro alte. Batista das Neves (17), entre outros, para guarnecer navios do Brasil em Montevideu e que viriam a integrar a Esquadra Legal, Os revolucionários os usaram também!

Embora sem condições de fazer desembarques anfíbios no litoral paulista, os navios revoltosos e suas admiráveis guarnições fixaram no litoral de São Paulo importantes efetivos, em detrimento da defesa de Itararé. Pois desta posição se aproximavam, com suas possibilidades centuplicadas pela lenda, segundo Isidoro Dias Lopes (18), de guerreiros habilíssimos no uso da lança e acostumados à degola de prisioneiros. Pois há muito já haviam chegado à fronteira de São Paulo as notícias das centenas de governistas mortos à lança em Cerro do Ouro (19) e por degola em Rio Negro (20). O imaginário se encarregava do resto! E esta lenda contribuiu muito no Paraná para provocar deserções, dificultar recrutamento e provocar a colaboração da população. Ao contrário, para a Guerra Civil que com a euforia da fácil vitória (21) no final, surgiram batalhões patrióticos de descendentes de estrangeiros, cujo entusiasmo arrefeceu por ocasião da retirada federalista e ofensiva governista. Não havia consciência popular das idéias em jogo!

## **A organização da defesa da fronteira em Itararé**

### A organização do Corpo de Exército em Itararé

Para a defesa de São Paulo na fronteira com o Paraná e depois libertar o Paraná e Santa Catarina da Revolta e Guerra Civil, foi organizado, progressivamente, um Corpo de Exército cujo comando passou a ser exercido pelo gen. Ewerton Quadros, em **Itararé**, em 28 de março de 1894, quando sua 1ª Divisão já havia invadido o Paraná e se encontrava há dois dias em Jaguariaiva. Este Corpo de Exército integrado por forças do Exército, da Guarda Nacional e da Polícia Militar de São Paulo teve a seguinte organização, ao final: -

**1ª Divisão** - Comandante cel. Firmino Pires Ferreira que se assinalou por atos heróicos no Paraguai;

**1ª Brigada** - comandante cel. Braz Abranches

20 BI (Goiás) formador do 1º BI em 1938

39 BI (formador do 15º BI em Curitiba em 1938)

Batalhão Campineiro - Guarda Nacional de Campinas SP

Batalhão Frei Caneca - Guarda Nacional São Paulo.

**2ª Brigada** - comandante cel. João da Silva Braga (PMSP)

1º BPM (capital), 2º BPM (Jundiaí) e 3º BPM (Santos)

Batalhão Silva Telles - Guarda Nacional São Paulo.

- **2ª Divisão** - Comandante ceí. Manoel Eufrázio Santos Dias

**3ª Brigada** - comandante cel. José Maria Marinho da Silva

9 BI (Bahia) formador OM Inf. Florianópolis e Joinville

37 BI (São Paulo) formador 11 RI São João dei Rey

1 RC (Rio) atual Dragões da Independência de Brasília

Batalhões Francisco Glicério e Operário da Guarda Nacional de São Paulo

**4ª Brigada** - comandante cel. José Delgado Dias de Carvalho

1 Batalhão de Artilharia de Posição (duas peças) 15 BI da Guarda

Nacional de São Paulo

2 RC da Guarda Nacional de São Paulo

Eram do Exército o comandante do Corpo de Exército, das divisões e das 1ª e 3ª brigadas. Os da 2ª e 4ª brigadas talvez eram da Polícia Militar de São Paulo.

Forneceram contingentes de guardas nacionais para a defesa da fronteira as seguintes localidades paulistas ,além da capital: Amparo, Campinas, Caçapava, Jundiáí, Mococa, Mogi Mirim, Porto Feliz, São José dos Campos e Sorocaba. Esta vigiou a serra próxima a Iguapé.

Para o apoio logístico de Itararé foi estabelecido desde Tatuí, fim da ferrovia, um comboio de mais de 1500 mulas e mais carroções. A linha telegráfica chegou a Itararé, desde Tatuí, em 5 de fevereiro de 1894, vigésimo dia da resistência da Lapa. **Itararé** ficou ligada ao Palácio do Governo, no Rio. Ainda a 2 de fevereiro, chegaram em Santos, destinados à defesa de Itararé e invasão do Paraná, **5 mil carabinas Mannlicher** e **4 milhões de cartuchos** adquiridos por São Paulo, através do ministro plenipotenciário em Buenos Aires, o dr. Francisco Assis Brasil, que lideraria a Revolução de 1923 no Rio Grande.

Em 13 de fevereiro, segundo dia da capitulação da Lapa, chegou a Itararé o ajudante- de- ordens do cel. Gomes Carneiro em busca de socorro tendo declarado (22): **'Calcular 3.000 federalistas no Paraná, mal armados e com pouca munição, em especial de Artilharia. Que 500 homens seriam suficientes para romper o cerco da Lapa. Que o cel. Gomes Carneiro esperava resistir mais 18 dias, ou 44 no total, até receber socorro de São Paulo, de Xanxerê ou da Divisão gaúcha do Norte de Pinheiro Machado.'** (23)

Esta comunicação não correspondia à realidade, a julgar por depoimento do mais tarde mal. Isidoro Dias Lopes que liderou a Revolução de 1924 em São Paulo e que como federalista acompanhava Gumersindo Saraiva.

Que os federalistas e Revolta possuíam cerca de 6.000 homens e muita Artilharia. Que eles se haviam fortalecido com armas, munições e homens capitulados em Florianópolis, Paranaguá, Tijucas, Lapa e que haviam encontrado abandonados em Curitiba, na pressa da retirada do gen. Pego Júnior.

Dia 16 de fevereiro de 1894 chegou em **Itararé** a notícia da capitulação da Lapa, ocorrida 5 dias antes e fornecida pelo cel. Telêmaco Borba, federalista:

**'Que todos os defensores haviam morrido, os federalistas estariam em Castro em 18 e em seguida em Jaguariaiva e Itararé.'**

A notícia, exagerada, alvoroçou toda São Paulo. Gumersindo Saraiva e seus lanceiros estavam prestes a invadir São Paulo. Pois era conhecido do governo o plano da Revolta e da Guerra Civil de, a partir do Paraná, em ataques combinados, por mar e terra, conquistarem São Paulo, capital. E esta pressão sobre **Itararé** perdurou por cerca de um mês até os federalistas conhecerem a capitulação da Revolta no Rio, em 12 de março de 1894 e, sobre Santos, até por ali passar com destino ao Sul, em 8 de abril de 1894, a Esquadra Legal, o que tornou possível a liberação de maiores meios para a Fronteira em Itararé em apoio à 1ª Divisão que marchava em direção a Curitiba.

### O desenvolvimento da defesa de Itararé

Em 17 de janeiro de 1894, início do cerco da Lapa (24). Itararé era guarnecido com 500 homens da Guarda Nacional e recebeu 15 oficiais do Exército. Em 20 de janeiro a Revolta e a Guerra Civil assumiram o governo do Paraná. Somente a Lapa resistia dando tempo para fortalecer **Itararé**, e em 26 de janeiro o efetivo da Lapa subiu para 860 homens carentes de armas e munições. Teve início a construção do telégrafo **Tatuí-Itararé** pelo cap. Ximenes Villeroy, do Exército, que espalhou a seguinte avaliação na posição:

**"Que Itararé seria atacada por 8.000 mil federalistas e que não resistiria 5 minutos".**

Apreciação alarmista que teve seu lado positivo no sentido de maior atenção à defesa de Itararé e fronteira adjacente. O presidente de São Paulo telegrafou:

**"Presidente da República. Comunico que concentrarei em Itararé um Corpo de Exército e solicito oficial competente para comandá-lo. Estão impedidos o cel. Inocêncio Ferraz por ser o comandante da Polícia Militar e o cel. José Jardim por comandar o 4º Distrito Militar em Santos , cuja defesa não pode deixar. Ofereci o comando ao gen. Pego Júnior que abandonara o Paraná e ele recusou o oferecimento seguindo para o Rio e deixando as forças que o acompanharam em Itapetininga."**

Em 1º de fevereiro de 1894 -14º da resistência da Lapa, Itararé conheceu a capitulação generosa de Tijucas, inclusive de tropas retiradas de Itararé. Nesse dia assumiu o comando da fronteira e cel. Braz Abranches, do Exército e herói do Paraguai, reforçando a posição com o 20 BI (Goiás), o 1º BPM, o Batalhão Operário da Guarda Nacional e um contingente de Jundiá, da Guarda Nacional. Em 2 de fevereiro chegaram em Santos armas e munições adquiridas na Argentina para o Corpo do Exército, dia em que o gen. Pego Júnior passou em São Paulo. No Rio, respondeu a Conselho de Guerra e foi condenado à morte, não sendo executado, segundo o historiador Arivaldo Fontes por interferência dos alunos da Escola Militar que o admiravam (25).

Em 12 de fevereiro, dia seguinte à capitulação generosa da Lapa, toda a fronteira São Paulo-Paraná estava bem guarnecida (**Itararé, Rio Verde, Ribeira e Paranapanema**) e já dispunha de novo comandante, o cel. Firmino Pires Ferreira, do Exército, herói de guerra no Paraguai e natural do Piauí. Ele dispunha de 2.000 homens do Exército, Polícia Militar e Guarda Nacional. Segundo o mais tarde mal. Isidoro Dias Lopes que lutou como federalista no Paraná, seus companheiros **"desperdiçaram cerca de um mês em bailes e fotos em Curitiba ao invés de darem curso à marcha em direção a Itararé que não seria fácil e rápida, tal o volume do problema logístico que iriam enfrentar longe de um porto e num itinerário que não dispunha de ferrovia de Ponta Grossa a Itararé"**.

Trecho em que a divisão do cel. Firmino com todo o apoio logístico oficial levou mais de um mês para percorrer. A artilharia federalista seria um grande trambolho num caminho assim.

Em 24 de fevereiro de 1894, décimo terceiro dia da capitulação da Lapa, a fronteira Paraná-São Paulo, com o seu centro de gravidade em **Itararé**, estava guarnecida por 3.000 homens. Neste dia foi promulgada a constituição de São Paulo. Informes chegados a Itararé diziam existir em Jaguariaiva força federalista de 200 homens **"em maioria argentinos e uruguaios armados de lanças e outras armas extravagantes"**. Havia um temor generalizado em Itararé de que a Cavalaria federalista precedida de fama centuplicada pela lenda, pudesse envolver, cercar e isolar Itararé, aproveitando diversas passagens.

Em 27 de fevereiro de 1894, o capitão federalista Luiz Pinto Pereira apresenta-se como desertor e declarou a existência de plano em curso para conquistar a cidade de São Paulo numa manobra combinada **Itararé-São Paulo e Paranaguá-Santos**, por terra e **Paranaguá-Santos** por mar e, daí, por terra São Paulo. Este plano existiu e era da lavra de Jaques Ouriques oficial do Exército federalista, autor do plano de invasão do Paraná.

Em 1º de março de 1894, a Esquadra Legal guarnecida metade por brasileiros e metade por marinheiros estrangeiros contratados nos EUA ,deixou Salvador rumo ao Rio (26). A guarnição brasileira era integrada por marinheiros que não aderiram à revolta e alunos das escolas militares do Ceará, Porto Alegre e Praia Vermelha. Em São Paulo, 1200 homens estavam sendo preparados para seguirem para Itararé. A fronteira estava bem guarnecida só faltava-lhe Cavalaria para ações de Cobertura e de arrebanhamento de gado nas fazendas, ao Sul, no Paraná. Postos avançados no Paraná mantinham a vigilância.

Em 11 de março de 1894 a Revolta capitulou no Rio. Saldanha da Gama e seus marinheiros foram acolhidos a bordo de navios de guerra portugueses que os transportaram para o Uruguai onde se evadiram em grande número ,antes de serem levados para Portugal, o que provocou o rompimento das relações **Brasil-Portugal**. Neste dia chegou informe em Itararé de que o coronel federalista Juca Tigre, forte de 1000 homens, se aproximava e que à sua retaguarda vinha Gumersindo Saraiva. A capitulação da Revolta no Rio, conhecida no Paraná pelos federalistas, foi o ponto de inflexão da ofensiva sobre São Paulo para retirada para o Rio Grande. Coube expressivo papel na capitulação da Revolta à presença no Rio da **Esquadra Legal** do alte. Jerônimo Gonçalves (27) e apodada ironicamente por Gaspar Silveira Martins de "**Esquadra de Papelão**", como Pinheiro Machado apodara os federalistas de "**maragatos**" e Júlio de Castilhos a junta que o depusera do governo de "**Governicho**", todos apelidos com grande força irônica e que passaram à História. Era grande a expectativa em Santos e Itararé, de um ataque. O cel. Firmino declinou de passar à ofensiva por dispor deste informe que poderia comprometer sua retaguarda sem a devida cobertura:

***"Haver chegado em Jaguariaiva 3.000 federalistas com 10 peças de artilharia e 200 cavalarianos ao comando do cel. federalista dos quadros do Exército Antônio Carlos da Silva Piragybe, de Infantaria."***

De fato, Piragibe enviou proclamação à Itararé e depois se retirou, viajando para o Uruguai em 22 de março, tendo se incompatibilizado em Castro.

Por esta época, face à capitulação da Revolta no Rio, os federalistas se reuniram em Ponta Grossa e ante à realidade estratégica decidiram:

***"Que face à inevitável capitulação da Esquadra de Fora do alte.Custódio de Mello à Esquadra legal do alte. Jerônimo Gonçalves, os federalistas ficariam sem apoio naval para prosseguir. Decidiram então retornar ao Rio Grande do Sul divididos em 3 colunas".***

### **A ofensiva do governo no Paraná e em Santa Catarina**

Em 21 de março, o cel. Firmino deu início à ofensiva. Com a Iª **Divisão** avançou na Ribeira, Rio Verde, Paranapanema e Itararé. Nesta, deixou 2 peças guarnecidas por 50 homens, um contingente de Infantaria e os doentes. Nesse dia era nomeado comandante do **Corpo do Exército em Operações** no Paraná e 5º Distrito Militar (atual 5ª RM/5ª DI) o general de brigada Francisco Raimundo Ewerton Quadros. Acompanhava as tropas do cel. Firmino para reassumir o governo do Paraná, o dr. Vicente Machado que não se cansava de exaltar e agradecer o apoio recebido de São Paulo e de seu presidente dr. Bernardino de Campos.

Em 26 de março de 1894 o cel. Firmino entrou em Jaguariaiva e conheceu a franca retirada federalista. Dois dias após, o gen. Ewerton chegou a Itararé para implementar a organização da 2ª Divisão de seu Corpo de Exército.

Organização concluída em 14 de abril.

Em 8 de abril de 1894 a **Esquadra Legal** do alte. Jerônimo Coelho passou em Santos aliviando a tensão que aquela praça padecera durante sete meses.

Em 12 de abril depois de o alte. Custódio de Melo tentar conquistar durante seis dias o porto de Rio Grande, foi repellido por forças ao comando do gen. Bacelar (comandante da atual 3ª RM). Seguiu para o Prata, desembarcando os federalistas em Castilhos e entregando os navios à Argentina. Navios que foram resgatados mais tarde pela Esquadra Legal.

Em 13 de abril de 1894, após 23 dias do início da ofensiva, a **1ª Bda/1ª Div.** do cel. Braz Abranches ocupou Castro às 16 horas, após breve escaramuça em que os atacantes tiveram 1 morto e 4 feridos. Fez a vanguarda o Batalhão Capineiro que sustentou tiroteio junto à margem esquerda do rio Iapó, sendo auxiliado pelo 2º BI (Goiás). O cel. Braz Abranches foi assim louvado:

***'Ao veterano do Paraguai, chefe da 1ª Brigada no momento da ação, o valoroso cel. Braz Abranches, eu consagro todos os louvores que o brilho da vitória exige.... cel. Firmino comandante da 1ª Divisão.'***

Em 16 de abril de 1894 a **Esquadra Legal** do alte. Jerônimo Gonçalves, assinalado herói naval do Brasil na Guerra do Paraguai, torpedeou e neutralizou, a noite, o temível e legendário couraçado **Aquibadá** e a seguir libertou Florianópolis do domínio da Revolta e da Guerra Civil que o exerciam fazia seis meses e meio. Assumiu o governo militar e civil o cel. Moreira César, ao qual a História vem atribuindo fuzilamentos em número exagerado e cujas responsabilidades morais vem sendo atribuídas a políticos locais, segundo concluiu o prof. Carlos Humberto Correia, da UFSC. O mesmo se aplica às execuções no Paraná atribuídas ao gen. Ewerton Quadros. São pontos que merecem aprofundamentos para que a história seja verdade e justiça e não estigmatize a memória de ausentes. Enfim, são questões em aberto!

Em 24 de abril de 1894 a **Esquadra Legal** reconquistou Paranaguá e Antonina. Ele desembarcou em Paranaguá o 2º BPM (de Jundiá). Esta unidade que atuara na defesa de Santos, depois de muito perigosa viagem ferroviária pela serra da Graciosa entrou em Curitiba às 19 horas, indo aquartelar no quartel do 17º BI, na rua 13 de maio. Foi a primeira tropa do governo a entrar em Curitiba. Ela integrava a 2ª Brigada da 1ª Divisão do Corpo de Exército.

Em 3 de maio de 1894, a 1ª Divisão deixou Ponta Grossa para Curitiba, após esperar a 2ª Divisão e o gen. Ewerton atingirem Castro. Sem reação e com todo o apoio logístico e sem artilharia, a 1ª Divisão demorou cerca de 40 dias para fazer o trajeto Itararé-Ponta Grossa. Assim após a capitulação da Lapa os federalistas só poderiam atuar em força em Itararé, que estimo, por volta de 1º de março, caso a Lapa não tivesse resistido e por volta de 27 de março, com o retardo da resistência da Lapa. Em 1º de março de 1894, a Esquadra Legal deixou Salvador e a Fronteira de Itararé já possuía 3.000 homens e mais 1.200 se preparavam para reforçá-los. Se atacassem em força e, em 27 de março de

1894., ficando os federalistas sem apoio na fronteira e sem o apoio da Esquadra do alte. Custódio. Enfim, são considerações importantes para demonstrar a importância estratégica da resistência da Lapa e da Esquadra Legal para acelerar o término da Revolta e da Guerra Civil no Paraná e Santa Catarina, bem como da defesa da fronteira de Itararé.

Em 6 de maio de 1894 a vanguarda da 1ª Divisão do cel. Firmino entrou em Curitiba levando o dr. Vicente Machado que foi reempossado no governo do Paraná. Ordem do Dia do Corpo de Exército do gen. Ewerton Quadros declarou Santa Catarina e o Paraná

libertados da Guerra Civil e da Revolta na Armada. Em 9 de maio o 2 BPM da 2ª Brigada foi mandado retornar a Paranaguá e passou a guarnecer Morretes, Antonina e Restinga Seca.

A participação de São Paulo aqui descrita sob a liderança de seu presidente dr. Bernardino de Campos foi relevante para a libertação do Paraná. Este agradecimento do governador do Paraná resume o que afirmamos:

**"... ao benemérito patriota (dr. Bernardino de Campos) que preside os destinos de São Paulo é a quem o Paraná e o seu governo legal devem os mais assinalados serviços .... dr. Vicente Machado".**

Em 20 de maio de 1894, no Km 65 da ferrovia Curitiba-Paranaguá foram fuzilados sumariamente o barão de Serro Azul (28) e cinco companheiros. Epílogo lamentável à espera de um julgamento sereno pelo Tribunal da História.

### **A consolidação da retomada do Paraná**

Ainda em 7 de abril de 1894, Gumersindo Saraiva encontrava-se em Ponta Grossa a se concluir de Ordem do Dia nº 6 que emitiu. Neste dia a 1ª Divisão do cel. Firmino se aproximava de Castro que ocupou em 13. Em 12 de abril o alte. Custódio havia sido repellido da cidade de Rio Grande e o alte. Jerônimo Gonçalves estava chegando com a Esquadra Legal em Santos, a caminho de Florianópolis, que foi por ela recuperada a 17, após ter sido torpedeado no dia anterior e neutralizado o couraçado **Aquidabã**. Por esta época, em 10 de abril, ocorreu o massacre do Boi Preto, em Palmeira das Missões, de cerca de 300 federalistas, por forças do cel. Firmino de Paula, como vingança expressa do massacre do Rio Negro ocorrido em 28 de novembro de 1893.

Na Ordem do Dia citada reproduzida por Vilalba, (E. Rev. Fed. no RGS. Rio, Laemmert, 1897 - doe. 133, p. 252) Gumercindo declarou entre outras coisas:

- Que assumira o governo do Paraná importante chefe paulista - o dr. José Antônio Ferreira Braga, que fora presidente do Pará.
- que o alte. Custódio estava forçando a barra do Rio Grande com 4.000 homens para conquistar aquele porto e a seguir Pelotas e Porto Alegre, de acordo com os chefes federalistas Joca Tavares, Salgado, Prestes Guimarães, Marcelino

Pina, Rafael Cabeda, Silveira Martins e tantos outros, para depor Júlio de Castilhos da presidência do Rio Grande do Sul.

- que iria concentrar seu Exército em Ponta Grossa o qual se encontrava espalhado pelo Paraná e Santa Catarina da seguinte forma:
- uma brigada na fronteira, frente a Itararé, com Telêmaco Borba e P. Pinto.
- outra no Assungui com Jocelyn Borba, Teixeira Freitas e Abranches.
- o forte do Exército em Ponta Grossa, com Torquato Severo e outros chefes.
- a guarnição de Curitiba ao comando de Cesário Saraiva (29) e do Amaral e a artilharia ao comando do cel. Colônia.
- outra brigada em Paranaguá com Paim, Leoni e Cavalcanti.
- outra em Rio Negro com Felício, Filgueiras e Fragoso.
- uma divisão em Guarapuava com Juca Tigre e outra em Chopim com seu irmão Aparício Saraiva (mais tarde com grande projeção no Uruguai).

Gumersindo, ao se referir a seus comandantes subordinados, usou largamente os adjetivos: denodado, valente, intrépido, ilustre, audaz, destemido, invencível (só para seu irmão Aparício). Aqui talvez residisse um dos segredos de sua enorme liderança. É uma lição de História!

Prosseguindo em suas considerações Gumercindo assinala:

- Que depois de **"2 meses de descanso do seu invencível Exército recomençaria as operações de guerra"** que seriam dirigidas contra a coluna (cel. Firmino) que se lançaria a partir de Itararé à qual estava reservado o mesmo destino das de Paranaguá,



Ambrósios (Tijucas) e Lapa. (O cel. Firmino já estava próximo de Castro com cerca de 17 dias de marcha desde Itararé).

- repelida a coluna (cel. Firmino) chegaremos à fronteira de São Paulo onde adotaremos os seguintes comportamentos alternativos:
- se São Paulo pegar em armas contra o governo federal em seu território, eu não ultrapassarei a fronteira.
- se São Paulo pegar em armas contra o governo eu irei auxiliá-lo com todo o meu Exército e juntos libertaremos os demais estados.
- caso São Paulo não pegue em armas contra o governo, a minha consciência diz que devo proclamar a independência do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul", e termina entre outros brados: "Viva o Paraná independente!"

O cel. Firmino (30) antes de lançar-se para o Sul com a 1ª Divisão, emitiu esta proclamação às suas tropas (Vilalba. op. cit, doc. 132, p. 251) que diz:

- que nunca deixaria de ver com a maior angústia e pesar que os que se encontravam nas fileiras federalistas eram nossos irmãos, por serem filhos da mesma pátria. E assim, apela às suas tropas, em maioria de São Paulo:

***"E a vós paulistas, invocando o vosso glorioso passado na formação da pátria brasileira e os vossos assinalados serviços na obra de fundação da Republica. A vós particularmente eu peço a contribuição indispensável de vossa energia e de vossa coragem para pedir-lhes que este solo tão belo, tão rico e tão fértil, não venha a ser esterilizado pelas pegadas dos invasores".***

Cerca de seis dias antes de dar início à contra ofensiva para libertar o Paraná, o cel. Firmino havia recebido a seguinte proclamação do cel. Piragibe, intitulando-se comandante do 1º **Corpo do Exército Nacional Provisório**, com seu QG em Jaguariaiva, segundo Vilalba, (op. cit. doe. 130, p. 248) onde entre outras considerações enfatizava:

- ***Que as divisões gaúchas do Centro (Arthur Oscar) e do Norte (gen. Lima e Pinheiro Machado) haviam sido batidas em Santa Catarina e haviam "fugido" para o Rio Grande do Sul. Que o cel. Gomes Carneiro sucumbira na Lapa e suas tropas, numerando 800 homens, haviam capitulado e entregue seis peças de artilharia. ue o cel. Eugênio Melo capitulara em Paranaguá com cerca de 1000 homens e 10 peças de artilharia. Que o gen. Pego Júnior e o governador do Paraná, dr. Vicente Machado "se evadiram" de Curitiba, deixando abandonadas quatro peças de artilharia, 800 armas diversas, muitas espadas, lanças e fardas. que à vista deste quadro adverso às tropas do governo em Itararé, seria inútil elas prosseguirem para o Paraná."***

Decorridos sete dias, Piragibe deixou o comando desta frente e tomou um navio estrangeiro com destino a Montevidéu, em 22 de março de 1894. Em sua tropa, segundo Isidoro Dias Lopes, testemunhou, ao chegar a notícia da capitulação da Revolta na Esquadra no Rio, o imaginário popular espalhou a notícia que alarmou suas tropas, ao ponto de acreditarem que a Esquadra Legal que se aproximava do Sul ***"possuía canhões automáticos capazes de acertar na lua"***. A proclamação de Piragibe em parte verdadeira no tocante à sucedida invasão do Paraná, no tocante às divisões gaúchas do Centro e Norte, situavam-se num quadro de Guerra Psicológica que fazia efeitos negativos, pois não se dispunha como hoje, de um sistema de Informações em campanha, com metodologia para separar informações de informes e boatos.

Ao invés de ofensiva, os federalistas se retiraram do Paraná em 3 colunas, com junção prevista em Campos Novos, o que conseguiram somente 2, sendo que a de Juca Tigre teve de internar-se na Argentina. O 1º BPM da 2ª Brigada perseguiu-os até Rio Negro. A 1ª Brigada do cel. Braz Abranches saiu ao encalço de Juca Tigre guiado por Telêmaco Borba, tendo ocorrido o combate de passo Iguaçu onde se destacou o **Batalhão Frei Caneca** paulista. A 3ª Brigada do cel. José Maria Marinho (natural de Pelotas) com o 1º RC (**atual Dragões de Brasília**) atuou na perseguição até o Rio

Grande do Sul. Um destacamento desta brigada, ao comando do ten. cel. Emídio Dantas Barreto (37 BI, 2º BPM e um piquete de Cavalaria) fizeram o rescaldo nos vales do Iguçu, Negro, Putinga e Timbó à procura de líderes federalistas, cel. Amazonas, líder incontestado em União da Vitória, e do governador federalista do Paraná, dr. Braga. Este contingente operou em Nonoaí e o 2º BPM (Jundiá) chegou até Cruz Alta, RS, cidade fundada por paranaenses, de Castro ou os "**birivas**" curitibanos como Atanagildo Pinto Martins que exerceram grande influência no planalto médio do RS: Cruz Alta, Passo Fundo, Soledade, Carazinho, Espumoso, Santa Bárbara conforme demonstra Roselys Vellozo Roderjan em **Os curitibanos e a formação de comunidades campeiras no Brasil Meridional** (Curitiba, IGHSAParanaense, 1992). Livro que demonstra que os gaúchos federalistas, no Paraná se sentiam meio em casa trilhando caminhos das tropas. O 37 BI por muitos anos guarneceu o Paraná. O 2º BPM de São Paulo foi a última tropa paulista a retornar, o que ocorreu em 14 de janeiro de 1895, quando fazia cerca de 65 dias havia sido fundado o **Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, em 1º de novembro de 1894.

Grande parte do que foi preservado da memória da epopéia ora resgatada, se deve a um sargento integrante do 2º BPM mais tarde assinalado historiador e comandante da Polícia Militar de São Paulo, o cel. Pedro Dias Campos, filho de Araçoiaba, através de obra que não tem sido explorada, por raríssima, nos estudos sobre a Revolta na Armada e Guerra Civil focalizadas. Obra que reflete o pensamento de Bernardino de Campos (CAMPOS, Pedro Dias de, ten. cel. (PMSP). **A Revolta de seis de Setembro - ação de São Paulo**. Paris-Lisboa, Ailaud Alves, 1913).

Obra que levamos para tirar-se cópia e como contribuição ao Congresso do Centenário da Revolução Federalista, em Curitiba-PR, de maio de 1994 (31), previsto na Constituição Estadual. A Secretaria de Cultura tirou cópia. Sobre o autor citado escreveu o gen. Paula Cidade em suas Memórias após com ele conviver na cidade de São Paulo, no combate à revolução de 1924:

***"Era um homem moreno, de pequena estatura, tipo militar japonês, dado os traços mais marcantes de sua fisionomia. Mais tarde eu haveria de admirar nele um dos exemplares mais completos de soldado com que me tenho defrontado."*** (Revista Defesa Nacional nº 709, set/out 1983).

Pedro Dias de Campos foi coadjuvante destacado da **Missão Militar Francesa** na Polícia Militar de São Paulo e um dos maiores comandantes desta força, além de historiador militar brasileiro notável, conceito que a obra citada esquecida reforça.

Com este estudo resgato importante página da PMSP à qual pouca ênfase havíamos dado, por desconhecimento, na plaqueta que produzimos no sesquicentenário desta força, ao comando do então cel. Cav. Arnaldo Bastos de Carvalho Braga: (BENTO, Cláudio Moreira, ten. cel. Polícia Militar do Estado de São Paulo (Lealdade e Constância). São Paulo, PMSP, 1982. Obra reproduzida em parte pelo DO Leitura nº 9/98 jul. 1990, p. 12 sob o título : História movimentada da PMSP).

Os federalistas de Gumercindo Saraiva ao chegarem até Jaguariaiva e após se retirarem, percorrendo cerca de 2500 Km em sua grande marcha escreveram página épica na História Militar do povo brasileiro cujos sacrifícios e privações estão imortalizados na obra da testemunha: DOURADO, Ângelo. **Voluntários do Martírio**. Pelotas, Liv. Americana, 1896 (reedição fac similar, em 1977 por Martins Livreiro). Não deixaram em sua marcha a mácula de massacres como o de Rio Negro.

#### Notas ao texto

1 - O massacre do Rio Negro ocorreu em 28 de novembro de 1893 em Hulha Negra). Foi respondido, em Boi Preto, em 10 de abril de 1894, em Palmeira das Missões. O primeiro, sob a responsabilidade moral do general honorário João da Silva Tavares (Joca Tavares)

e o segundo sob a responsabilidade moral do cel. Firmino de Paula e como vingança expressa do primeiro. Em ambos foram sacrificados cerca de 300 homens, cifra que precisa ser estabelecida por existir controvérsia sobre a extensão das mesmas.

2- Vide do autor - "A intervenção estrangeira na Revolta da Armada", (a rigor Revolta da Armada, pois só participou dela 1/5) na **RIHGB**. nº 379 abr/jun 1993. p. 232-268 e Centenário da Revolta na Armada **Revista A Defesa Nacional**. nº 762, out/dez 1993. P.. 25-78.

3- Vide do autor op. cit. nota anterior e o gen. Julião Augusto Serra Martins, um herói da Lapa, pouco conhecido e reconhecido, publicado nos **Anais do Congresso do Centenário da Revolução Federalista**. Curitiba-PR, Assembléia Legislativa do Paraná, na **RIHGSC** 1994.

4- Conclusão com apoio do alte. Hélio Leôncio Martins "A Revolta da Armada" in: **Anais do Congresso Nacional de História... da República do Brasil**. Rio IHGB, 1989. p. 103-126 (Menciona o Plano da Revolta de conquistar Santos e São Paulo). Em Bagé o alte. Leôncio mencionou que a Revolta atingiu só 1/5 da Armada, daí a impropriedade de chamá-la Revolta **da** ao invés de na Armada. Pois ela foi conhecida também como Revolta de Seis de Setembro e 2ª Revolta do alte. Custódio. Este debate foi suscitado no Clube Naval em 1993 em conferência sobre o tema, do qual participamos como debatedor.

5- Vide do autor - "O massacre federalista do Rio Negro, em Bagé, em 28 de novembro de 1893. **RIHGB**. nº 378 jan/mar 1993. v. 154 e o Massacre do Rio Negro in: **Revolução Federalista**. Palegre, Martins Livreiro, 1993. p. 123-136 e Centenário do Massacre do Rio Negro. **Zero Hora**. Porto Alegre, 28/29 nov. 1993.

6- O mal. Foch era instrutor de História Militar na Escola Superior de Guerra da França de onde saiu para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial. Valorizava a História Militar como instrumento de formação do profissional militar, com apoio na experiência alheia.

7 - Idem com apoio op. cit. nota 4.

8 - Transcrito por Pedro Dias de Campos em **A Revolta de Seis de Setembro - a ação de São Paulo**. Paris - Lisboa, Ailaud Alves, 1913. p. 36. Obra que será referida no final deste estudo.

9- Idem op. cit. nota anterior.

10- Idem op. cit. nota 4.

11- Vide ref. na nota 4. Sentiu o seu valor militar olvidado, o historiador paranaense Milton Miro Vernalha.

12- Chamava-se Alfredo Ernesto Jaques Ouriques. Nasceu em Porto Alegre, em 21 de fevereiro de 1848. Consagrou-se como estudioso de estratégia, ao publicar na **Revista do Exército**, em 1882, trabalho - Plano de Defesa Estratégica da Província do RGS e que reproduzimos em nossa obra **O Exército na Proclamação da República**. Rio, Bibliex, 1989. Segundo concluo de seus estudos, era engenheiro com vivência nas colônias militares de São Paulo de Itapura e Avanhandava. Com a Revolução deixou o Exército. Por volta de 1906 andava no Acre e Amazonas. Possui mais trabalhos na **Revista do Exército** citada relacionados por Rua Santos em sua **Coleção Bibliográfica Militar**. Rio, BIBLIEX, 1960. p. 111. VILASBOAS fornece outras indicações em **Dicionário Bibliográfico Gaúcho**. Palegre, Est/Edigal, 1991. Era engenheiro militar.

13- Op. cit. nota 8 descreve os abusos praticados por esta tropa recrutada entre populares do Rio e que combateu em Tijucas, após o que se passou com seus oficiais e praças para os federalistas, tendo assinado ata a respeito constante de Vilalba. **Rev. Fed. RGS**. Rio, Laemert, 1897. doe. 134, p. 255.

14- Segundo Wenceslau Escobar em **Apontamentos para a História da Revolução Rio-Grandense**. Palegre, Liv. Globo, 1920. O autor foi editor de **A Reforma**, jornal federalista que se opunha à **Federação**. Em 1920 era dirigente do Partido Federalista. Teve sua obra

de visão federalista respondida no mesmo ano e editora, pelo mal. João César Sampaio que comandou a Divisão do Sul que libertou Bagé sitiada. São duas obras xifópagas, sendo que a última é raríssima, lemos a existente na Biblioteca do Exército, doada pelo gen. Souza Docca, bem como a de Wenceslau anotada pelo gen. Valentim Benício.

15 - A atuação da Divisão do Sul é descrita pelo seu comandante o então cel. Sampaio na obra mencionada na nota anterior **O cel. Sampaio e os Apontamentos do dr. Wenceslau Escobar** (Palegre, Liv. Globo, 1920), obra rara como referimos na nota anterior e que reputo de grande valor profissional pelas lições que contém. Não pode ser lida sem a do dr. Escobar.

16- Estudamos o alte. Jerônimo Gonçalves nas op. cit. na nota 2. O desconhecíamos, até ouvir palestra do alte. Hélio Leôncio Martins no Centro de Documentação Geral da Marinha que, com isenção, vem fazendo uma nova leitura da Revolta da Esquadra e de seus principais protagonistas, numa visão corporativista salutar, a serviço da construção de uma Marinha do futuro com subsídios históricos, com base na Verdade e na Justiça, objetivos da História. O mesmo ele procedeu em relação à **Revolta dos Marinheiros de 1910**. Rio, Serv. de Documentação Geral da Marinha, 1988. Coleção Brasileira v. 384.

17- O alte. Batista das Neves integrou com destaque a Esquadra Legal. Em 1910 foi assassinado barbaramente pelos marinheiros revoltados do couraçado Minas Gerais que ele comandava no episódio A Revolta dos Marinheiros citado na nota anterior. Hoje é nome da enseada do Colégio Naval.

18- Izidoro Dias Lopes, que mais tarde lideraria em São Paulo a Revolução de 1924, acompanhou os federalistas na invasão do Paraná e combateu no combate do Cerro de Ouro. De tudo o que viu prestou valioso depoimento ao cel. J. B. Magalhães na obra **Consolidação da República**. Rio, BIBLIEX, 1946. Depoimento federalista que não pode deixar de ser levado em conta pelos estudiosos militares da Guerra Civil 1893-95.

19- Abordamos a hecatombe do Cerro de Ouro, onde, cerca de 300 a 400 civis bisonhos improvisados em soldados da Guarda Nacional de São Gabriel e Santa Maria sucumbiram às lanças das forças de Gumercindo Saraiva, entre as quais experimentados lanceiros blancos liderados por seu irmão Aparício Saraiva. Trabalho para os Anais do Congresso do Centenário da Revolução Federalista em Curitiba-PR, em maio de 1994, para publicação pela Assembléia Legislativa.

20- Assunto abordado na nota 5 que estava sendo condenado a um memoricídio, como se constata das fontes disponíveis contemporâneas.

21- Homenagem ao ten. cel. João Carlos da Silva Telles, do Exército que se destacou na defesa dos portos de Santos e do litoral norte de São Paulo.

22- Chamava-se Homem Bom e era da Guarda Nacional.

23- Sua avaliação do aniversário e do efetivo necessário para enfrentá-lo fora bastante subestimado.

24- Realizamos a 3ª conferência e última do Congresso do Centenário da Revolução Federalista em Curitiba em maio de 1994 sob o título: "Os cercos de Bagé e da Lapa e duas resistências épicas da História Militar do Brasil", a publicar nos Anais do Congresso pela Assembléia Legislativa PR. ( Os publicamos na Revista A Defesa Nacional

25- Arivaldo Silveira Fontes o biografou e deu-nos seu testemunho que sua absolvição posterior se deu à interferência de seus alunos da Escola Militar da Praia Vermelha que muito o estimavam. O abordo com comandante da atual 3ª Região Militar no Rio Grande do Sul, como o seu comandante durante a eclosão do movimento, na obra **História da 3ª RM v.2**, em preparo. ( Já esta na 2ª edição)

26- A Esquadra Legal levou mais de 2 meses em organização e adestramento. Vide sua organização e história que resgatamos nas fontes da nota 2.

- 27- **A Esquadra Legal** nada teve de **Esquadra de Papelão**. Sua ação foi decisiva para o término da Revolta na Baía de Guanabara e da Guerra Civil em Santa Catarina e no Paraná. Seus tripulantes escreveram uma bela e difícil página da história militar naval do Brasil que procuramos resgatar num tributo à verdade e à justiça históricas. A Esquadra revoltada também não ficou atrás. Seus tripulantes comportaram-se como heróis na defesa de suas verdades e fizeram o possível e o impossível para manter seus navios operando.
- 28- Foi resgatada a memória de mártir do barão do Serro Azul no Congresso do Centenário da Revolução Federalista em Curitiba e a oradora, na sua isenção de julgamento, defendia que Gomes Carneiro por sua heroicidade deveria ter sido promovido a marechal post mortem. **Jornal da Associação Comercial do Paraná**, nº 1470, de 20 de maio de 1994, evocou o barão em ampla e comovente reportagem. Sua execução merece ser objeto do Tribunal da História para responsabilizar moralmente os culpados por sua execução sumária e inútil.
- 29- Este personagem, Cesário Saraiva se tornou tristemente célebre por sua maldade inata: É estudado pelo prof. Milton M. Vernalha em **Pica paus e maragatos** já citado. Manoel da Costa Medeiros em **História do Herval**. Porto Alegre, 1980 registra atrocidades por ele praticadas em Herval- RS, mas propaga a inverdade de que Gumercindo Saraiva tenha mandado degolar 70 defensores que se renderam na Lapa, de igual forma que o Dr. Wenceslau Escobar divulga em seus **Apontamentos** que Gomes Carneiro tenha mandado atirar em mulheres e crianças que deixavam a Lapa. Enfim, a paixão da época levou a propagar-se inverdades como estas ofensivas a Gumercindo e a Gomes Carneiro. Mas nesta revolução a primeira vítima foi a verdade. ***Em tempo de guerra a mentira é como terra!***
- 30- Firmino Pires Ferreira chegou a marechal. Foi promovido a general de Brigada em 12 de julho de 1895. Era filho do Piauí que mais tarde representou no Senado. Foi herói da Guerra do Paraguai como alferes. Era de Artilharia e Engenheiro Geógrafo e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Em 18 de abril foi elogiado pelo gen. Ewerton Quadros ***"pela inteligência, valor e perícia tantas vezes comprovadas no campo de batalha e que mais uma vez foram postos a prova em defesa da República"***. Por Ordem do Dia nº 32 o gen. Ewerton ***"agradece os inolvidáveis serviços que o distinto cel. Firmino prestou à República na organização das forças que firmaram o domínio da lei no território do Paraná"***. Retornou ao Rio em seguida (Dados retirados de sua fé de Ofício no Arquivo Histórico do Exército). O texto fornece mais dados.
- 31- Colaboramos com o Congresso do Centenário da Revolução Federalista com a conferência. "Os cercos de Bagé e da Lapa e duas resistências épicas". "Repercussões estratégicas da resistência da Lapa"e, "As repercussões do combate do Cerro do Ouro na invasão do Paraná"(para os Anais do Congresso).

**Nota do autor em 2016** ,Sobre a Revolta na Armada e Guerra Civil muito publicamos cujas fontes sobre as mesmas as disponibilizamos em Livros e Plaquetas no item conflitos no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) . Gumersindo com s e não c é o seu nome correto. O Cel Pedro Dias de Campos é patrono de cadeira da FAHIMTB e destinada a Polícia Militar de São Paulo e é Patrono de Delegacia na PMSP cujp Delegado e o Cel Edilberto Oliveira Mello , patrono em vida de cadeira destinada a PMSP. Focalizamos o Cel Pedro Dias de Campos em nossa plaqueta Polícia Militar de São Paulo (Síntese histórica 1831-1981) publicada em seu sesquicentenário e disponível no site da FAHIMTB em Livros e Plaquetas [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) . Nossos trabalhos no Centenário da Revolução Federalista no Paraná, patrocinados por sua Assembléia Legislativa os publiquei na Revista A Defesa Nacional em razão do incêndio na Assembléia que segundo fui informado atingiu os trabalhos que não foram publicados.